

**PAPILAS MODERNISTAS¹: ALTERIDADE E IDENTIDADE NACIONAL NO
DIÁRIO DE VIAGEM *O TURISTA APRENDIZ*, DE MÁRIO DE ANDRADE²**

José Bento de Oliveira Camassa³

RESUMO: Relatos de viagem são textos privilegiados para o estudo das percepções sobre a alteridade e, a partir destas, para a manifestação e reflexão por parte do escritor-viajante sobre a sua identidade. Procuramos identificar o estabelecimento de tais relações n’*O Turista Aprendiz*, diário de viagem do escritor modernista brasileiro Mário de Andrade durante sua excursão pelo rio Amazonas, em 1927. Na obra, as considerações de Andrade sobre si e sobre o outro buscam, com humor, problematizar o eurocentrismo, bem como estão atreladas à preocupação do autor com as questões da identidade e da cultura nacionais. Tal interesse direciona a observação do poeta à cultura material, à música, às variantes linguísticas e à alimentação amazônicas. Sustentamos que os escritos do diário deixam entrever a importância da experiência da viagem à Amazônia para a forja da concepção, por parte de Mário, da brasilidade como um fenômeno cultural sincrético, pluralista e atinente à experiência popular cotidiana. Assim, acreditamos que não é adequado considerar os discursos presentes n’*O Turista Aprendiz* como mero reflexo do Modernismo marioandradiano. Este também teria sido moldado pelo que Mário viu, ouviu, provou, conversou e refletiu na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; relatos de viagem; identidade nacional; Amazônia; Modernismo brasileiro.

“(…) Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim...
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remelexo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois remurmuram sem malícia as rezas bem nascidas...

Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o ritmo no meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,

Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.”

(“O poeta come amendoim”. Mário de Andrade, 2013)

¹ Trocadilho com “olhar imperial”, conceito trabalhado por Mary Louise Pratt (1999). Conforme argumentaremos, o relato de viagem de Mário Andrade não se enquadra completamente na postura eurocêntrica que tal conceito compreende.

² Este trabalho foi inicialmente desenvolvido na disciplina História da Cultura III – “Viajantes entre a Europa e as Américas: relatos de viagem em perspectiva analítica”, ministrada pela Prof^a Dra. Stella Maris Scatena Franco no segundo semestre de 2016, na graduação em História da Universidade de São Paulo (USP). Agradeço à professora pela leitura atenta, pelas indicações de leitura e pelas sugestões para o aperfeiçoamento do texto.

³ Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo, mestrando em História Social na pela mesma instituição. E-mail: jbento14@gmail.com

MÁRIO DE ANDRADE, O MODERNISMO BRASILEIRO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Mário de Andrade (1893-1945) é uma das figuras mais centrais e multifacetadas do movimento modernista brasileiro. Paulistano, filho de uma mãe de família tradicional e abastada, porém decadente, e de um pai jornalista de origem humilde, não teve formação universitária em Direito, rito de passagem dos filhos da oligarquia paulista e de grande parcela da intelectualidade da época. Isso não o impediu de enveredar pelos mais diversos campos do conhecimento. Estudou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde desenvolveu suas aptidões musicais e onde futuramente viria a ser professor de piano. Mas, não parava por aí. Autodidata, Mário atuou em várias frentes: literatura – que talvez seja sua faceta mais conhecida, pela vasta produção em prosa e poesia –, crítica literária, artes plásticas, folclore, etnografia e História.

Participou da Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922, e constituiu uma rica trajetória intelectual, tornando-se um dos maiores expoentes do Modernismo. Afinado com as vanguardas artísticas que então emergiam nas capitais europeias, partilhava, com colegas como Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, entre outros, a percepção de que as artes brasileiras precisavam se modernizar, abandonando o convencionalismo e o Parnasianismo hegemônicos na *Belle Époque* nacional. Como afirma Eduardo Jardim de Moraes,

para o modernismo não se trata tanto de desqualificar as manifestações artísticas passadistas por suas propriedades intrínsecas, mas de rejeitá-las enquanto insistem, como contemporâneas de uma época passada, em se imiscuir no tempo presente. Não é natural para os novos tempos a métrica e a rima parnasianas ou as formas “academizantes” na pintura (MORAES, 1988, p. 223).

Contudo, a adesão à modernização nas artes, na visão de grande parte dos modernistas brasileiros, especialmente Mário de Andrade, não devia se dar de maneira imediata e irrefletida em relação aos modelos europeus. Fazê-lo seria incorrer no enraizado mimetismo cultural das elites culturais brasileiras, habituadas à reprodução das matrizes intelectuais europeias⁴. Pelo contrário, os modernistas defendiam uma adaptação da estética moderna à realidade brasileira. Pretendia-se, com isso, uma conjugação entre o particular e o universal. A estética moderna e a modernidade que a enseja seriam condições globais, universais, do “espírito do tempo” que ainda não teriam sido absorvidas pelo Brasil e seus artistas. A

⁴ Deve-se ponderar que escritores como Lima Barreto e Euclides da Cunha, antes do Modernismo, já encampavam tanto a recusa da imitação cega das culturas europeias como a defesa da descoberta de uma originalidade nacional brasileira (SEVCENKO, 2003, pp. 144-145).

modernização artística seria a mediação para o ingresso do país, respeitadas suas idiossincrasias e o seu lugar, no moderno concerto internacional “culto”: “É (...) como exigência do comparecimento na ordem universal que se instaura no modernismo a questão da brasilidade (...) é [na] definição do acesso à modernidade que ela vem se instalar” (*Ibidem*, p. 229).

Assim, a questão da brasilidade constitui um elemento central no Modernismo, principalmente a partir de 1924, ano do livro *Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade. A obra propunha uma ruptura com a importação de padrões culturais estrangeiros⁵, contra a qual se almejava uma poesia originalmente brasileira, “de exportação” (*Ibidem*, p. 232), como a madeira comercializada pelos primeiros colonizadores. A metáfora do Pau-Brasil não é de graça: como nota Jardim de Moraes (*Ibidem*, pp. 229-230), a preocupação quanto à singularidade nacional é frequentemente trabalhada como o empreendimento de um “redescobrimento” do país.

O RECURSO DA VIAGEM NOS PROJETOS INTELECTUAIS DE MÁRIO DE ANDRADE

O tema da viagem se torna, então, muito caro aos modernistas. 1924 também é o ano da viagem de Oswald e Mário de Andrade a Ouro Preto, junto com o historiador Paulo Prado, a pintora Tarsila do Amaral e o poeta suíço Blaise Cendrars, entre outros intelectuais. Acerca dessa excursão, pode-se dizer que:

foi talvez por sintetizar um choque nas relações entre ofertas europeias e fontes nacionais que a viagem de 1924 às cidades históricas de Minas tornou-se tão importante no imaginário do modernismo, como emblema de uma guinada dialética fundamental – porque travejada pelo influxo das vanguardas internacionais – no enfoque do tradicional e do popular pelo movimento. Especialmente em Mário, para quem a experiência ampliaria uma disposição em sair de casa, em ingressar na mata virgem, em comungar a arte do povo (LIRA, 2015, p. 367).

Em Mário, o expediente da viagem se destaca, na medida em que se atrela com o engajamento do escritor não apenas em entender a realidade brasileira, como também em:

traçar, na medida de suas possibilidades, as coordenadas de uma cultura nacional, tomando o folclore e a cultura popular como instrumentação para seu conhecimento do povo brasileiro (...) [*Para Mário*] foi muito importante unir a pesquisa de gabinete e a vivência de vanguardistas metropolitanos ao encontro direto com o primitivo, o rústico e o arcaico, que, em seu enfoque dialeticamente dinâmico, puderam lhe valer como indícios de autenticidade cultural (LOPEZ, 2002, p. 15).

⁵ No mesmo sentido, já em 1923, Oswald de Andrade, em uma palestra sobre o panorama cultural brasileiro na Sorbonne, busca dissociar o Modernismo brasileiro do Futurismo italiano e sua liderança, Marinetti (MORAES, 1988, p. 228).

Sintomática da forte preocupação com a questão da identidade nacional é o trecho da carta de Mário a Tarsila e Oswald, quando estes últimos viajavam a Paris:

(...) Vocês foram a Paris como burgueses. (...) Mas é verdade que considero vocês todos uns caipiras em Paris. Vocês se parisianizaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, volta para dentro de ti mesma. (...) Abandona Paris! (...) Vem para a mata virgem. (...) Criei o mata-virgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil precisam. (*apud* MORAES, 1988, p. 230)

O redirecionamento de perspectivas é claro: de acordo com Mário, para fazer arte moderna, o imperativo não seria mais apenas comungar das novidades dos países europeus, ditos “centrais”, mas se voltar para dentro do próprio país, beber de sua fonte. Era preciso que os artistas modernos nacionais passassem por um “abrasileiramento”⁶. E como esses artistas eram, em sua maioria, urbanos, brancos, residentes nas capitais e das classes médias ou altas, fazia-se necessário entrar em contato com as culturas de Brasis Outros: populares, interioranos, rurais, negros, mestiços, indígenas... As experiências da viagem e do contato que esta engendra com a alteridade seriam um terreno fértil para essa empreitada. Os destinos não seriam mais para fora⁷, porém para dentro do país e, nesse, para regiões menos conhecidas dos intelectuais modernistas oriundos dos ricos estados do Centro-Sul.

O INTERESSE DE MÁRIO DE ANDRADE PELA AMAZÔNIA

I DESCOBRIMENTO

Abancado à escrivadinha em São Paulo
Na minha casa da Rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! Muito longe de mim,

⁶ O “abrasileiramento” referido por Mário não é dotado de uma perspectiva nacionalista purista ou xenófoba, muito menos proto-integralista. Além disso, vale frisar que a brasilidade, para Mário, não se refere a características de meio e raça, prezadas pelo pensamento determinista presente na intelectualidade brasileira da geração de 1870, a exemplo de Sylvio Romero. Helena Muller (2009, p. 133) resume a questão, dizendo que a Mário lhe interessa o nacional e não o nacionalismo. Como Mário de Andrade esclarece em uma carta de 1924 a Joaquim Inojosa: “abrasileiramento não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo = o Brasil pros brasileiros. Significa só que o Brasil pra ser civilizado artisticamente (...) tem que concorrer para o concerto [das nações] (...) com o que o singulariza e individualiza, parte essa única que poderá enriquecer e alargar a Civilização” (*Apud* MORAES, 1988, p. 233).

⁷ É preciso fazer a ressalva de que embora altamente inteirado das novidades artísticas europeias, Mário, diferentemente de seus colegas mais abastados, nunca viajou à Europa. Os únicos países estrangeiros pelos quais passou – e mesmo assim, bastante brevemente – foram a Bolívia e o Peru, durante a expedição pela Amazônia relatada em *O Turista Aprendiz*. Evidente, o interesse de Mário não se concentrava propriamente sobre essas nações, mas foram visitadas por serem fronteiriças à Amazônia brasileira pela qual o viajante excursionava.

Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu... (...)
("Poema acreano". Mário de Andrade, 2013)

Gestava-se, assim, o interesse de Mário de Andrade pela experiência de excursionar pelo Brasil e, sobretudo, pelo chamado "Norte", isto é, as regiões que corresponderiam hoje ao Norte e Nordeste⁸ brasileiros. Como afirma Helena Muller (2009, p. 133), Mário tinha olhos e ouvidos atentos a manifestações materiais ou imateriais que lhe informassem sobre as culturas e saberes populares brasileiros, não se limitando à esfera do escrito, oficial e institucional: artefatos, festas, ritos, variantes linguísticas, provérbios, danças, músicas, instrumentos musicais, lendas etc.

Foram justamente as tradições míticas um dos estímulos do interesse de Mário de Andrade pela Amazônia. Há indícios de que em 1926 o autor já conhecesse uma série de lendas populares brasileiras, registradas e não-registradas⁹, tendo lido os trabalhos do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg. Este viajou para a Amazônia três vezes entre 1898 e 1913 e escreveu *Vom Roroima zum Orinoco*, de 1917, em que registrou uma série de costumes e mitos de diferentes etnias indígenas. Inspirado por essas leituras (BARRETO, 2014, p. 41), antes mesmo da viagem à Amazônia, Andrade já redigia as versões iniciais de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (ANDRADE, 2008) – remetendo a uma narrativa indígena, documentada pelo alemão, sobre um herói denominado "Makunaima".

O livro conta, sob uma linguagem experimental e sem a verossimilhança realista, a trajetória do personagem-título, um indígena amazônico que, entre mil peripécias – como ir para São Paulo e enfrentar o gigante Piaimã – e transformações mágicas – como se tornar branco –, busca a muiraquitã, amuleto que lhe fora raptado. *Macunaíma* pode ser considerado uma rapsódia, pois articula diversas lendas e tradições indígenas e amazônicas conhecidas por

⁸ Atesta o interesse de Mário pelas duas regiões o fato que ele também viajou a Pernambuco, à Paraíba e ao Rio Grande do Norte, em 1928 e 1929, menos de dois anos após a viagem à Amazônia. Vale destacar que a viagem ao Nordeste foi até mais sistematizada em termos de registro etnográfico do que a expedição pelo rio Amazonas. Os registros sobre a viagem ao Nordeste também estão contidos na edição mais recente d' *O Turista Aprendiz*.

⁹ Afirmção de Telê Ancona Lopez, citada por BATISTA, Marta Rossetti. Introdução. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 30. Brasília, 2002, p. 12. Antes do conhecimento dessas lendas, Mário já demonstrara interesse pela Amazônia em artigo de 1918 (BOTELHO, 2013).

Mário. Por apresentar esse mosaico de elementos e de narrativas populares, a obra também explora a oralidade, outra marca da rapsódia.¹⁰

Dessa forma, o interesse de Mário pela região já estava desenvolvido antes de sua viagem amazônica (*Ibidem*, p. 39). De toda forma, a expedição ao Norte brasileiro contribuiu para o registro de várias informações e práticas culturais que apareceriam no livro, seja de maneira pontual ou geral (*Ibidem*, pp. 38-39; LOPEZ; FIGUEIREDO, 2015). Este passou por revisões, retoques e só foi publicado em 1928, após a viagem d’*O Turista Aprendiz*.

A VIAGEM

Em março de 1927, Mário anuncia ao amigo e poeta Manuel Bandeira (MORAES, 2000, pp. 339-340) que está inclinado a aceitar um convite para excursionar pela Amazônia, feito por Olívia Guedes Penteado, aristocrata do café e mecenas do grupo modernista paulistano. Penteado já havia feito viagens de grande deslocamento, tendo excursionado pelo Oriente Médio em 1925.

A proposta da viagem se concretiza e Mário aceita o convite. Embora tivesse a expectativa da companhia de um grupo de amigos artistas, as colegas de viagem de Mário foram apenas Penteado e duas jovens: sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira, Mag, e de Dulce do Amaral Pinto, ou Dolur, filha de Tarsila do Amaral.

A viagem durou de 7 de maio a 15 de agosto de 1927 e incluiu a navegação pelo Amazonas e seus afluentes, visitas às capitais e vilarejos do Pará e do Amazonas, passeios, compras, encontros de Mário com intelectuais locais e compromissos oficiais – Penteado fora recomendada pelo Presidente da República, Washington Luís, aos presidentes dos estados, que haviam desdobrado a recomendação aos prefeitos. Assim, os quatro viajantes são recebidos nas sedes de governo e casas de inúmeras autoridades.

A locomoção foi feita por um cruzeiro da Lloyd, companhia brasileira de navegação que incluía programas em terra. Tanto na ida, partindo do Rio de Janeiro, como na volta da viagem, o cruzeiro parava em diversas capitais litorâneas brasileiras, onde Andrade aproveitou para encontrar amigos e escritores com quem se correspondia – como o folclorista Câmara Cascudo, em Natal.

Quanto ao financiamento da viagem, Mário afirma, em seu diário de bordo, que cada um dos quatro integrantes do grupo viajava por conta própria (ANDRADE, 2015, p. 156).

¹⁰ Além disso, pode-se interpretar o subtítulo de *Macunaíma* “um herói sem nenhum caráter” tanto como desvio ético-moral como ausência de caracterização própria. Este segundo caso remete à representação da dificuldade e da busca de definição da brasilidade (BARRETO, *op. cit.*, p. 41).

Contudo, em virtude dos seus gastos excederem o planejado, Mário chega a fazer dívidas – já no fim da viagem, a 1º de agosto de 1927 – a serem pagas no Rio de Janeiro. Informa-se que Olívia Penteadó teria feito o mesmo. (ANDRADE, 2015, p. 192).

OS REGISTROS DA VIAGEM E SUA EDIÇÃO

Diferentemente da sua ida ao nordeste, em 1928 e 1929, que teve um caráter mais etnográfico e sistematizado, a viagem de Mário de Andrade pelo Amazonas apresenta um forte componente de lazer (MULLER, *op. cit.*, p. 134), o que é confirmado em uma entrevista do autor ao *Diário Nacional* em 1927, na qual afirma que não trabalhou durante a excursão. Teria apenas se dedicado a escrever breves notas em alguns caderninhos, as quais futuramente pretendia aproveitar para artigos jornalísticos e transformá-las em um livro de viagens (1927b). Mário, durante a viagem, também se dedicou a tirar fotografias, com sua câmera apelidada de “Codaque”, abasileiramento da marca Kodak.¹¹

Embora tenha escrito várias colunas em jornais a respeito de sua viagem, Mário não teve êxito em publicar em vida *O Turista Aprendiz*. Durante os anos que se seguiram, o autor datilografou, com sucessivas correções, alterações e edições, algumas versões do texto, que receberam o título “O Turista Aprendiz: Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega”¹² e um prefácio datado de 1943, menos de dois anos de sua morte, em 1945 (LOPEZ; FIGUEIREDO, 2015, p. 56). O livro só sairia postumamente, pela primeira vez em 1976.

A versão d’*O Turista Aprendiz* com que trabalharemos (ANDRADE, 2015), estabelecida em 2015 (LOPEZ; FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 49, p. 56), compara e intercala diversas versões datiloscritas da obra com um caderno de bordo autógrafo de 1927, atentando ao complexo itinerário do processo criativo de Mário. Contém, ainda, artigos sobre o texto de Mário, mapas, fotos de páginas de algumas versões datiloscritas e do caderno autógrafo e a reprodução de artigos jornalísticos e entrevistas do autor sobre sua passagem pelo Norte.

¹¹ Para limitação do escopo deste trabalho, não analisaremos as fotografias produzidas durante a viagem de Mário de Andrade. As fotografias estão disponíveis em um CD-ROM junto da edição de 2015 da obra.

¹² O título escolhido por Mário para designar seus escritos já denota o tom de redescoberta do Brasil, visto que parodia o título de um relatório de viagem feito pelo seu avô, Joaquim de Almeida Leite de Moraes – que foi Presidente da Província de Goiás em 1881 –, “Apontamentos de viagem de São Paulo à Capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à Corte: Considerações administrativas e políticas”.

PROBLEMÁTICA

Em *Os olhos do Império*, a crítica literária Mary Louise Pratt responde à seguinte crítica metodológica quanto a seus estudos sobre o viajante naturalista Alexander von Humboldt:

Qual a razão, perguntam-me, para todo esse aparato explicativo histórico-colonial-ideológico, quando é perfeitamente óbvio que Humboldt, em seus escritos, está simplesmente *sendo* um romântico, simplesmente *exercendo* o Romantismo. (...) Não são os românticos que clamam pelo “cultivo das sensibilidades”? (...) Por que seriam necessários Colombo, o colonialismo espanhol, lutas de independência, revoltas de escravos ou mesmo a América para se entender a maneira de escrever de Humboldt? (PRATT, 1999, p. 237, *grifos da autora*)

Diante do questionamento, Pratt contra-argumenta, desconstruindo o enganoso pressuposto de que os relatos do viajante seriam meros reflexos do movimento artístico e intelectual a que se filiaria:

O que já se sabe sobre o Romantismo fornece uma explicação perfeitamente satisfatória sem ultrapassar os limites da Europa ou da Literatura. (...) Pode-se entrever o que seria imaginar a “Europa” como também se construindo a partir de seu exterior, devido a materiais infiltrados, doados, absorvidos e apropriados, a partir de impostos de zonas de contato de todo o planeta. (...) Na mesma medida em que o “Romantismo” molda os novos discursos sobre a América, o Egito, a África meridional, a Polinésia ou a Itália, *eles também o moldam* (PRATT, *op. cit.*, p. 237-238, *grifos da autora*).

Mutatis mutandi, tomamos estas passagens como mote para nossa análise d’*O Turista Aprendiz*. Em que pesem o menor escopo e o menor arcabouço teórico-metodológico, objetivamos explorar o diário de Mário durante sua viagem pelo Amazonas de maneira a não limitarmos sua compreensão como estrito reflexo de sua tão bem sabida sintonia com os ares modernistas nas artes brasileiras. Endossando a questão lançada por Pratt, perguntamos: até que ponto o Modernismo não foi moldado pelas viagens de seus expoentes para regiões do país que eles não conheciam? Ou de maneira mais adequada: até que ponto o Modernismo de Mário de Andrade – dado que o grupo de intelectuais modernistas nunca foi artística e ideologicamente coeso ou homogêneo – e suas concepções sobre as questões da nacionalidade não foi alimentado a partir de sua viagem ao Norte do país?¹³ Esta será a diretriz de nossa investigação.

¹³ Não custa lembrar outras viagens de Mário: a excursão a Ouro Preto em 1924, ao Nordeste em 1929 e a Missão de Pesquisas Folclóricas, expedição (realizada entre 1938 e 1939) que o intelectual organizou quando era chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura município de São Paulo, para documentar, com recursos audiovisuais, manifestações culturais populares nas regiões do Nordeste e do Norte brasileiros. Dado o empenho na apreciação estética e no registro de manifestações artísticas nessas viagens e a organização que elas

Para tanto, não adotaremos uma perspectiva teleológica, que venha a ver uma causalidade direta e imediata entre a experiência da excursão pelo rio Amazonas e a produção artística e atuação pública posterior de Mário. Procuraremos, antes, levantar elementos presentes n' *O Turista Aprendiz* que sugiram posicionamentos do autor sobre as questões da nacionalidade e da cultura nacional forjados durante a viagem ou com contribuição dela. Nesse intuito, atentaremos em especial à construção de relações de alteridade e identidade por parte do escritor no texto – seja por meio de comparações, analogias, juízos valorativos, tentativas de “tradução” do outro, entre outras estratégias da “retórica da alteridade” (HARTOG, 1999). Também lançaremos nosso olhar sobre as relações entre as representações desenvolvidas no texto d' *O Turista Aprendiz* e a materialidade da viagem propriamente dita – por exemplo, os passeios, visitas, compras e demais atividades realizadas por Mário na viagem – pois, como lembra Chartier (2002), o plano discursivo não pode ser analisado como dissociado do plano factual.

NOTA METODOLÓGICA: O ESTATUTO HÍBRIDO DOS RELATOS DE VIAGEM E D'O TURISTA APRENDIZ

Antes de prosseguirmos, devemos fazer a seguinte observação metodológica. Os relatos de viagem são um gênero textual – se é que assim podem ser chamados ou se estariam inseridos sob a rubrica mais ampla da “literatura de registro” – híbrido, de difícil definição, em que as fronteiras entre o factual e o ficcional são porosas – vide a permeabilidade entre os relatos de viagem e gêneros como a (auto)biografia e o romance. Tais demarcações se tornam ainda mais tênues com as tendências literárias pós-realistas, que colocaram em xeque as supostas objetividade e fidedignidade dos relatos. Sob esse marco, muitos relatos de viagem já nas primeiras décadas do século XX vão flertar com o ensaísmo – manifestando, por exemplo, posicionamentos e análises políticas (COLOMBI, 2004).

Essas considerações se aplicam perfeitamente a *O Turista Aprendiz*, que – descontada a iconografia fotográfica e ilustrada – mescla o diário íntimo – incluindo lembretes pessoais – com passagens ensaísticas, registros ou invenções de anedotas, registros linguísticos da oralidade e do léxico locais, esboços e ideias para futuras prosas ficcionais, trechos de ficção coesos e mais desenvolvidos, versões iniciais de poemas etc. Se as próprias narrativas não-ficcionais em relatos de viagem supostamente objetivos podem apresentar traços ficcionais,

demandaram – especialmente, a da Missão de Pesquisas Folclóricas –, pode-se verificar a centralidade que a experiência da viagem teve na trajetória intelectual de Mário. Marcelo Burgos dos Santos (2009) chega a caracterizar a excursão de Mário pelo Amazonas em 1927 como uma “viagem de formação”, embora não julguemos que o autor argumente de maneira consistente para empregar tal adjetivação.

na obra de Mário há trechos deliberadamente ficcionais, que por vezes tratam de temas ou situações análogas às tratadas nos excertos *a priori* não-ficcionais. Ademais, o livro de Andrade conjuga elementos de dois tipos de relato de viagem: o “travel book” – que seria um caderno de viagem em estado mais bruto – e o “travel writing” – que seria a literatura de viagem, implicando uma elaboração narrativa literária (BORN, 2004) – vide o ofício literário de Andrade as reescritas que fez do diário na volta da viagem.

Dadas essas características, embasaremos nossa análise do relato de Mário tanto em seus elementos ensaísticos, tanto nos *a priori* não-ficcionais como nos deliberadamente ficcionais. Igualmente, não descartaremos as anotações mais cotidianas, relativas ao âmbito pessoal e privado, se essas dialogarem com as questões da alteridade e da identidade e da cultura. Mais do que essas distinções, teremos em mente os aspectos que nos forneçam indícios para responder as questões anteriormente apresentadas, que concernem às representações delineadas pelo autor.

UM OLHAR NÃO-IMPERIAL

Eu não sou nem eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

(“7”. Mário de Sá-Carneiro, 1994.)

Um dos traços distintivos d’*O Turista Aprendiz* é a ironia em relação aos relatos de exploração social (MULLER, *op. cit.*, p. 140), o que já fica claro no primeiro registro do diário. Nele, Mário, ao mesmo tempo que admite ter sido marcado por estereótipos em relação à Amazônia presentes em leituras – provavelmente, relatos de viagem aventurecos –, brinca com eles, ao dizer que, com um “vago receio de índio”, comprou uma bengala para a viagem (ANDRADE, 2015, p. 50).

Vemos, assim, um humor em relação àquilo que Mary Louise Pratt denominou de “olhar imperial”, isto é, a perspectiva de europeus – manifestada em relatos de viagem em outros continentes – comprometidos com a conquista colonial ou exercício do poder metropolitano (PRATT, *op. cit.*, p. 33). Com esse “horizonte europeu de discurso” ideológico, viajantes se colocariam como espécie de embaixadores imperiais (*Ibidem*, p. 58) – cujos olhos “veem e possuem” (*Ibidem*, p. 33) –, mesmo aqueles que nos relatos se descreveriam como pacíficos e exclusivamente observadores, supostamente alheios ao domínio imperialista.

Mário mantém algumas semelhanças com a atitude referida pelo conceito de “olhar imperial”, como a expectativa prévia de exotismo expressa no “vago receio de índio”, e o fato de sua viagem de cruzeiro claramente implicar materialmente assimetrias de poder social e político em relação aos indígenas e às pessoas pobres locais com quem o autor interage. Não obstante, o poeta paulista procura criticar, ironizar e desconstruir as relações de poder em seus escritos de viagem (KRAKOWSKA, 2014, p. 73).

Estabelecendo uma intertextualidade com a *Carta do achamento do Brasil*, de Pedro Vaz de Caminha, Andrade parodia uma passagem em que se relata o espanto dos nativos diante de uma galinha trazida pelos navegantes portugueses: “Creio que os índios tiveram medo da gente, lenha trouxeram quanta precisávamos, porém não houve jeito de subirem a bordo pra mostrarmos a eles a galinha trazida só pra isso” (ANDRADE, 2015, p. 85).¹⁴

Como afirma Kamila Krakowska, “enquanto nas narrativas eurocêntricas o Outro era visto como um objecto sem agência e sem qualquer influência sobre o Eu-colonizador, no *Turista Aprendiz* há uma rede de interações entre o Eu e o Outro” (KRAKOWSKA, *op. cit.*, p. 73). Enxergamos essa postura na veemente recusa do diarista em adotar uma visão arrogante e ignorante sobre a alteridade:

Todos [*os turistas*] se propõem conhecedoríssimos das coisas desta pomposa Amazônia de que tiram uma fantástica vaidade improvável, “terra do futuro”... Mas quando a gente pergunta, o que um responde que é castanheira, o outro discute pois acha que é pato com tucupi. Só quem sabe mesmo alguma coisa é a gente ignorante da terceira classe. Poucas vezes, a não ser entre os modernistas do Rio, tenho visto instrução mais desorientada que a dessa gente, no geral falando inglês (ANDRADE, 2015, p. 110, *grifo nosso*).

Na “rede de interações” com o Outro, Mário vai se preocupar em tentar entender as culturas da região visitada, seja frequentemente anotando sobre suas práticas culturais – como o registro musical de um bailado de Ciranda – e vocabulário, seja conversando diretamente com habitantes locais, especialmente indígenas ou pessoas humildes. Em contraste, o poeta parece desprezar e se aborrecer com as visitas a mil e uma autoridades oficiais e seus cerimoniais, não registrando no diário nenhum diálogo substancial com elas.¹⁵ Uma das mais longas conversas registradas – ainda que sob recriação literária – n’*O Turista Aprendiz* é de Andrade com um índio uitota, com quem tenta, sem sucesso, obter coca (ANDRADE, 2015, p. 124-127) – significativamente, o escritor “dá voz” a esse indígena, usando o discurso

¹⁴ A identificação da intertextualidade é de Lopez e Figueiredo (ANDRADE, 2015, p. 86, nota 88).

¹⁵ Igualmente, Andrade demonstra enfado com o filme *Não percas tempo* (ANDRADE, 2015 p. 70), cuja exibição foi o foco das atenções dos jornais e das classes altas de Manaus e Belém, provavelmente visto como símbolo da modernidade e do cosmopolitismo. Mário assiste ao filme na viagem e o desdenha como “horrrível” e “borracheira”, indicando que estava mais interessado nas culturas populares locais.

direto, como defende André Botelho (2013). Na interlocução com o indígena, Mário é confrontado a explicar os seus conceitos, quando diz que os uitotas seriam uma raça “decaída”, diferentemente dos incas:

Ele molhou os olhos nos meus muito sério:
– O que que é “decaída”?
– É isso que vocês são. Os incas possuíam palácios grandes. Possuíam anéis de ouro, tinham cidades (...). Tinham leis...
– Que que é “leis”?
São ordens que os chefes mandam que a gente cumpra, e a gente é obrigado a cumprir senão toma castigo. A gente é obrigado a cumprir essas ordens porque elas fazem bem pra todos.
– Será? (ANDRADE, 2015, p. 125)

Dessa espécie de maiêutica socrática, as concepções ocidentais de Mário saem, se não abaladas, relativizadas. O efeito é o mesmo com as duas monografias abertamente satíricas e ficcionais que esboça dos indígenas Pacaás-Novos (*Ibidem*, p. 99-102) e dos índios Dó-mi-sol (*Ibidem*, p. 133-136, p. 146, p. 165-171) – estes últimos, inventados pelo autor.¹⁶ Quanto aos primeiros, o diarista diz que se comunicariam com os dedos dos pés e das mãos, sendo “o som oral e o som da fala são imoralíssimos e da mais formidável sensualidade” (*Ibidem*, p. 100), bem como os atos de espirrar e de comer. Quanto aos segundos, diferentemente, se comunicariam oralmente, mas dando “sentido intelectual aos sons musicais e valor meramente estético aos sons articulados e palavras” (*Ibidem*, p. 134) e seriam uma materacracia (*Ibidem*, p. 147).

Esses fragmentos literários são exercícios de relativização cultural, em que se apresentam lógicas de visão de mundo alternativas, destoantes da ocidental. Por meio deles, o autor procura descentrar um possível leitor ocidental e problematizar, com humor, a hierarquização de saberes eurocêntrica (MULLER, *op. cit.*, p. 146). Da mesma forma, Mário caçoa das supostas objetividade e neutralidade dos relatos etnográficos e sua estreiteza para compreender a alteridade.

SABOREANDO BRASIS: ALTERIDADES E IDENTIDADES

Essa postura acientífica e objetivista do escritor é sugerida de forma recorrente por todo o diário, mesmo porque não havia se proposto a embarcar na viagem a trabalho. Assim, imprime um tom subjetivo e, não raro, sensorial a seus escritos de bordo, o que se vê na sua

¹⁶ André Botelho (2013), relacionando o diário com a programação de Mário na viagem, supõe que a criação ficcional dessas monografias teria sido uma válvula de escape da monotonia do autor durante o percurso pelo Amazonas – veja-se o prefácio de 1943 (ANDRADE, 2015, p. 48) – e pela chateação das reuniões oficiais. Vê-se, assim, o impacto da materialidade da excursão nas representações criadas por Mário

reflexão de 13 de maio (*Ibidem*, p. 60), quando diante da percepção de grande beleza de uma manhã em Salvador, comenta sobre a incapacidade de descrever objetivamente sem usar a imaginação e qualitativos. Dessa forma, Mário constantemente mistura suas impressões sobre o que vê na viagem e seu estado de espírito¹⁷.

Essa característica também se manifesta nas reflexões sobre identidade e alteridade versadas pelo autor. Observemos o seguinte trecho ensaístico de 18 de maio, poucos dias após o navio ter entrado na foz do Amazonas e Mário ter se maravilhado com sua magnificência – “juro que não tem nada no mundo mais sublime” (*Ibidem*, p. 66):

Não sei, quero resumir minhas impressões desta viagem litorânea por Nordeste e Norte do Brasil, não consigo bem, estou um bocado aturdido, maravilhado, mas não sei... Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves. E esta pre- noção invencível, mas invencível, de que o Brasil, em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes... E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa. Nos orgulhamos de ser o único grande (grande?) país civilizado tropical... Isso é o nosso defeito, a nossa impotência. Devíamos pensar, sentir como indianos, chins, gente do Benin, de Java... Talvez então pudéssemos criar cultura e civilização próprias. Pelo menos seríamos mais nós, tenho certeza (*Ibidem*, p. 67-68).

Trata-se de um trecho riquíssimo para identificarmos as relações de identidade e alteridade que Mário constrói no que tange à Amazônia e ao Brasil. Em um primeiro momento, o modernista se encontra desassossegado, reconhecendo-se como demasiadamente “europeu cinzento” diante das paisagens amazônicas brasileiras. Estabelece-se, assim, uma relação de alteridade e se sugere que seria preciso se “abrasileirar”, ainda, superando o fosso entre o autor – e, pode-se supor, em maior instância, o grupo social a que ele pertencia, as classes médias e altas urbanas – e o país.

¹⁷ Cumpre registrar que a dimensão sensorial vastamente explorada em Mário de Andrade n’ *O Turista Aprendiz* remete à tradição de relatos de viagem feitos por europeus na América, especialmente no início da colonização. De acordo com Sevcenko, o anseio de conquista da América por parte dos europeus não se vinculou apenas ao propósito de controlar a natureza e extrair bens materiais dessa. No que diz respeito à natureza, a aspiração europeia de domínio sobre as terras americanas também teria se associado – a exemplo dos escritos de viagem de Jean de Léry (1534-1613) –, ao “desejo pelo desconhecido, [à] vontade de conquistar, de penetrar naquilo que é virgem e indevassável, intocado. E esse é um ato bastante sensual, bastante sensorial, tanto que é produzido por pessoas que se entregam largamente ao jogo dos olhos, ao jogo do sentido, daqueles que gostam de ver longamente, que sentem os cheiros, que tocam a vegetação, as areias finas, que sentem o calor ou o frescor do ambiente. Gente, portanto, que propriamente constrói algo que pode ser chamado de paisagem, e vê nessa paisagem a fonte de um ato de adoração e a projeção de um ato de desejo. A paisagem é a coisa amada, e é por isso que pintam ou produzem imagens, ilustrações, ou então escrevem, fazem poesia a respeito da natureza assim transfigurada em objeto do desejo” (SEVCENKO, 1996, p. 110).

Para tanto, Mário indica um caminho: a incorporação profunda das culturas de origem não-europeia, em especial a africana e a indígena – a qual pode ser sugerida pela menção à Índia –, bem como a recusa da imitação da Europa. Dessa forma, diz que “seríamos mais nós”. É interessante o uso da primeira pessoa do plural nesse segundo momento: Mário não se coloca mais como mero herdeiro da tradição cultural europeia, mas como parte de uma coletividade brasileira, a qual deveria se esforçar para desenvolver uma cultura e uma civilização próprias, mais próximas à sua realidade social, cultural e ambiental.

A caracterização dessa cultura alternativa, defendida por Mário, também chama a atenção. Para contrapô-la à Europa, Andrade estabelece uma analogia entre o Brasil e outros países tropicais, como o Benin e Java. Essa inusitada comparação também aparece quando o escritor fala de suas impressões sobre Belém:

Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir uma imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando das ruas... Não possui o sujeito passeando com um porco-do-mato na correntinha... (*Ibidem*, p. 75, grifo nosso)

Mário se surpreende com a comparação brincalhona que ele mesmo traceja. A ideia que ele tem de Brasil, a princípio, não comportaria as características de Belém, de forma ao poeta associar esta cidade com o Outro, identificado com a Polinésia ou o Cairo¹⁸. O saldo dessa surpresa é a crítica à noção de um Brasil homogêneo e coeso e a reformulação de sua visão do país. Logo, a identidade nacional, como visada por Andrade, não poderia ser monolítica. Deveria comportar tal diversidade a ponto de muitas características de uma região – no caso, a Amazônia – poderem ser quase que estrangeiras em relação a um viajante oriundo de São Paulo, como o autor.

Ciente dessa diversidade, Mário se permite evocar a ideia mais simplória de uma brasilidade una para fins mais práticos, mesmo que não concorde com ela. Instado por Olívia Penteadó a retribuir um discurso oficial em um encontro com o Prefeito de Belém, improvisa:

Falei que tudo era muito lindo, que estávamos maravilhados, e idênticas besteiras verdadeiríssimas, e soltei a ideia: nos sentíamos tão em casa (que mentira!) que nos parecia que tinham se eliminado os limites estaduais! Sentei como quem tinha levado uma surra de pau. Mas a ideia tinha... tinham gostado (*Ibidem*, p. 73-74, grifo nosso)

¹⁸ O procedimento de comparação irá se repetir quando o autor se referir aos habitantes de Santarém – os quais compara aos venezianos (ANDRADE, 2015, p. 87) – e aos peruanos, que vai identificar com os italianos (*Ibidem*, p. 120). Essas analogias curiosas e inexatas expressam bem o caráter subjetivo e impressionista que Mário de Andrade imprime a seus registros.

Mário repete o artifício diplomático em outras situações oficiais, com o mesmo sucesso de público, talvez pelo desejo das autoridades de assemelhar suas localidades a São Paulo, sugerindo que essas estariam se modernizando. Porém, o autor sabe que sua retórica é falaciosa. Justamente por não se “sentirem em casa” é que a experiência do deslocamento proporciona aos viajantes a reflexão sobre as suas identidades. No caso de Mário, como é a marca dos escritos do diário, essa meditação vem acompanhada por um tom de irreverência, o que se vê no encontro com frades italianos, em Tonantins. Estes, ao saberem que Mário e suas companheiras eram paulistas, se surpreendem:

– Vocês são paulistas... Vocês não são brasileiros não! Pra ser brasileiro precisa vir no Amazonas, aqui sim! Você (apontou pra mim) tem pronúncia própria de italiano.

Então contei pra ele que de fato era filho e neto de italiano:

– Fachista?

– Antifachista! respondi.

Isso o frade fez um barulhão e foi buscar a correspondência da missão, chegada no nosso vaticano. Abriu o pacote e, nos acenou, fazendo um barulhão, com a *Squilla*, folha antifachista de São Paulo, de que eram assinantes. E o outro, o único jornal do mundo que assinavam, *O Estado de S. Paulo*, palavra que tive um arrepio, meio orgulho estadual, meio susto da importância do *Estado* (*Ibidem*, p. 113).

Novamente, aparece o tema dos “limites estaduais”. Claramente, Mário não tinha ascendência italiana, mas se permitiu jogar com sua identidade. A experiência da viagem sinaliza, aos viajantes, o quanto as demarcações identitárias de um indivíduo são relacionais, sendo influenciadas pela perspectiva do outro sobre tal pessoa. Aos religiosos itálicos, o simples fato de os viajantes serem paulistas os aproximaria dos italianos, dada a presença da imigração no estado. Já em outros momentos da excursão, Mário conta que foi identificado como “português da gema”, italiano e alemão (*Ibidem*, p. 115). Viajar, em suma, coloca a identidade em xeque (PASSETTI, 2004).

Ainda em relação à questão da alteridade suscitada pelas diferenças estaduais, merece destaque a sugestão implícita que Mário de Andrade faz de Santarém como cidade em que a temporalidade é menos moderna e mais lenta. O autor informa que “O relógio da Câmara estava parado” (ANDRADE, 2015, p. 87) e depreende que esse detalhe “nos permitiu [*a Mário e suas colegas*] compreender Santarém há trinta anos atrás” (*Ibidem, idem*).

A associação que Mário pincela entre o município paraense e a antiga cidade de Veneza também pode remeter à menor modernização de Santarém. Essa característica salta aos olhos em um caso mencionado – entre anedota local recolhida e a ficção inventada pelo modernista –: um habitante da cidade que temia que, ao ser fotografado, fosse morto,

amaldiçoado ou contaminado (*Ibidem, idem*). Embora não se explicita na passagem, o contraste entre o interior amazônico e a frenética São Paulo da década 1920 de Mário (SEVCENKO, 1992) é gritante.

Isso não significa que a caneta de Mário enalteça a segunda e deprecie o primeiro. Pelo contrário, a viagem parece ter sido uma oportunidade para Mário questionar hábitos dos grupos sociais que integrava ou com os quais convivia em São Paulo. Pode-se notar essa postura desde a percepção do autor que ele seria demais “europeu cinzento” inadaptado ao país (ANDRADE, 2015, p. 67) até o esboço de sátira – intitulado “De como vi as Amazonas (sátira à mulher moderna)” – que faz às transformações no comportamento feminino que ocorriam à época em círculos sociais das classes médias e altas urbanas (*Ibidem*, p. 144). Da mesma forma, ao comentar sobre um padre de Tonantins, provoca: “não reza nem se amola muito com Deus. Mas é mais feliz que vocês, civilizados. Não tem a mínima ambição. Farinha um pouco, cachaça muita e está feliz. Tem filho à beça. E não carece de nada mais” (*Ibidem*, p. 114, *grifo nosso*). Vale reparar que ao fazer essa observação, Andrade busca se distanciar dos ditos “civilizados” – aos quais se pressuporia que o autor pertencesse – e criticá-los, atribuindo um cunho irônico ao termo. O distanciamento pretendido merece ser destacado, pois o uso da segunda pessoa – indicando interlocução com um possível receptor – é raríssimo no diário.

Por outro lado, Mário recorrentemente deixa escapar seu estranhamento diante das particularidades amazônicas. Por exemplo, enumerando termos do léxico alimentar local: “O lanche de hoje foi sapotilha, beribá, abricó nacional, que é outra coisa, e refresco de cupuaçu, ora isso é língua que se fale!” (*Ibidem*, p. 102, *grifo nosso*). As observações linguísticas são um prato cheio para a percepção da diferença. Curioso, o autor nota uma “mania de nomenclatura” dos paraenses: “Uma vontade de dar nome... Vou anotando: Vila Felixana, Meu Repouso, O Cenáculo, Fé em Deus, Retiro Delícias, Doce Estância, Pouso Alegre (...)” (*Ibidem*, p. 75)¹⁹. Analogamente, como valorizador das variantes linguísticas populares e orais²⁰, o escritor repara e faz questão de registrar em seu diário o uso peculiar do advérbio

¹⁹ Andrade também se dedica a compreender, registrar e traduzir algumas expressões do léxico local: “**Sacado:** é quando, numa curva muito forte, o rio abre um furo novo que encurta caminho pra água. A antiga volta, inútil agora, fica se chamando ‘sacado’” (ANDRADE, *op. cit.*, p. 141, *negrito do autor*).

²⁰ Por essa característica, Mário escreve *O Turista Aprendiz* e muitas outras obras desrespeitando a norma padrão escrita do Português, redigindo alguns termos conforme a oralidade popular. Deve-se recordar que entre 1924 e 1929, Mário de Andrade dedicou-se à *Gramatiquinha da fala brasileira*, projeto – inconcluso em vida – que ambicionava registrar e sistematizar aspectos gramaticais das variedades encontradas na Língua Portuguesa falada no país. Ver: PINTO, Edith P. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. 4ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

“lá” pelos paraenses (*Ibidem*, p. 163). No mesmo sentido, observa a diferença entre a enunciação oral peruana de Iquitos com a brasileira:

É mesmo tão rápida a fala, que [...] a frase se acabou e se fica sem perceber metade do sentido. O contrário da fala brasileira que quando a gente já percebeu e até decorou o sentido da frase, inda falta mais da metade (*Ibidem*, p. 131).

O mesmo vale para a alimentação, vastamente documentada no diário d’*O Turista Aprendiz*. Mário de Andrade não apenas prova diversos pratos e alimentos amazônicos com os quais não estava acostumado, como também os valoriza e aprecia em sua maioria – como os filés de tartaruga dos quais diz que terá saudades (*Ibidem*, p. 170) – e se esforça para traduzir seu sabor.

A alteridade representada pelos frutos amazônicos para Mário é significativamente exposta quando comenta o gosto da graviola, que diz ser “meio selvagem mas dado, leal, simpático, como o índio Pacanova que vem rindo” (*Ibidem*, p. 157, *grifo nosso*). Veja-se também a descrição que é feita do “sorvete de murici que tem gosto de queijo parmesão ralado com açúcar” (*Ibidem*, p. 75). Por meio de uma agridoce aproximação de dois ingredientes não gastronomicamente afins, busca-se a tradução de um terceiro alimento – o sorvete de murici – e se expressa a alteridade que este representava em relação ao paladar do diarista. O viajante, aliás, parece bastante aberto às iguarias amazônicas, não reportando – pelo menos no diário – nenhuma recusa a experimentar alimentos que lhe eram inéditos²¹.

Mas, não são apenas suas papilas que se mostram curiosas. O autor anota os modos de preparo de alguns pratos, as razões de suas terminologias – “Mujanguê: ovo de tracajá batido com farinha e sal. O mesmo petisco, com açúcar em vez de sal, se chama arabu” (*Ibidem*, p. 111) –, bem como seus usos sociais – “**Chibé**: espécie de pirão feito com farinha-d’água e água fria (...). Nas marchas forçadas os canoeiros (...) com um chibé passam facilmente o dia” (*Ibidem*, p. 153, *grifo do autor*). Com efeito, vemos que Mário de Andrade não entende a alimentação como apenas um assunto privado, restrito à subsistência ou ao gosto idiossincrático. Pelo contrário, sinaliza uma compreensão social e cultural da comida. Esta, portanto, mereceu a atenção de um intelectual engajado na compreensão da cultura no Brasil. Prova disso é o fato de em nenhum momento Mário ter desqualificado em seus escritos algum

²¹ Não conseguimos aferir até que ponto Mário de Andrade, pelo contrário, pode ter tido uma postura ativa e engajada para obter e experimentar os alimentos registrados no diário – em vez de apenas ter aceitado prová-los por sugestão e fornecimento alheio, por exemplo, nas requintadas refeições com autoridades locais. Também não há informações n’*O Turista Aprendiz* sobre as reações de outros viajantes aos alimentos consumidos por Mário, o que poderia ser um parâmetro para mensurar o quanto o paladar do autor foi simpático aos alimentos amazônicos.

alimento – mesmo aqueles que não julgou saborosos – como mostra de incivilidade ou barbarismo, exotizando-o.

A VIAGEM COMO SENSACÃO: EXPERIÊNCIA E SENSORIALISMO, IDENTIDADE E SINCRETISMO

Essa postura de interesse pela alimentação encontra sustentação, em primeiro lugar, no poema “O poeta come amendoim”, do qual extraímos o trecho que serve de **epígrafe** a este artigo. Como analisa Rufinoni (2014), o poema de Mário expressa uma visão sensorial, quase sensual, de Brasil, na qual o país, metonimicamente, é o amendoim comido e mastigado pelo eu-lírico – remetendo à *antropofagia* cultural proposta pelos modernistas.

Este sensorialismo amalgama elementos diversos, mas igualmente cotidianos – e populares –, como língua, alimentação, religiosidade, música, dança, cultura material²². Relaciona-se, com isso, o *ethos* nacional não com a “pátria” ou com a contingência do local de nascimento, mas com certa experiência pessoal de vida. Não à toa, o arremate do poema atrela a identidade individual – os jeitos do eu-lírico ser e viver materialmente – com a identidade nacional – o ser brasileiro.

Vale destacar que “O poeta come amendoim” foi publicado junto com o livro *Clã do Jabuti* no final de 1927, após a viagem de Mário à Amazônia. Logo, a excursão pode ter influenciado a escrita do poema, embora o livro também reunisse poemas escritos desde 1923 (ANDRADE, 2013). De todo modo, os interesses do escritor manifestados na viagem estão em consonância com o poema e com a obra literária marioandradiana como um todo.

Em segundo lugar, a experimentação gustativa se mostra de acordo com a toada geral do diário, que, como já dito, prioriza o registro do sensorial, do subjetivo e até mesmo do sentimental em detrimento da pesquisa exaustiva e sistemática sobre a cultura local. Diferentemente da ida ao Nordeste, em 1928 e 1929, e da Missão de Pesquisas Folclóricas, Andrade não classifica sua viagem pelo Amazonas como “etnográfica”. É claro, Mário se dedica com afinco a documentar manifestações culturais materiais e imateriais amazônicos. Contudo, essa atividade não é feita *full time*, visto que a própria viagem tinha um caráter de lazer. Já ao final da viagem, Mário se dá conta que “nesta história de viagem com mulher, afinal as coisas mais úteis que eu poderia ver, não vejo, nesta pajeação sem conta... ainda não visitei, de fato, um seringal!” (ANDRADE, 2015, p. 166). Embora consiga visitar um seringal

²² A materialidade da viagem confirma isso, especialmente no que diz respeito a objetos artesanais. Andrade informa que encomendou objetos de tartaruga com o artesão Antônio do Rosário (ANDRADE, 2015, p. 78), bem como faz várias compras, como de objetos de couro, em mercados locais.

no dia seguinte à anotação, o autor parece assumir que sua viagem teve um aspecto turístico – o que se vê no título *O Turista Aprendiz* –, diferentemente de intelectuais latino-americanos das décadas anteriores, que procuravam se distanciar do arquétipo do turista (PERA, 1998)²³. Ainda em contraste, não transparece no diário a reivindicação por parte de Mário de uma autoridade discursiva intelectual sobre a realidade do local a que se está viajando (*Ibidem, idem*).

Mais atinente à experiência subjetiva da viagem, Andrade recusa exprimir suas percepções em relação à alteridade de maneira científica. Diz ter caído, maravilhado, no chão da lancha diante da ilha de Marajó, o que lhe faz lembrar a infância (ANDRADE, 2015, p. 168)²⁴. Afirma que “em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma” (*Ibidem*, p. 77).

Com os cinco sentidos aguçados, Mário se deixa permear pelos diversos elementos culturais, sociais e ambientais com que entra em contato, sem querer discipliná-los ou impor uma verdade (MULLER, *op. cit.*, p. 134). É por meio deles que reconhece a alteridade, reflete sobre as diferenças e é estimulado a pensar a brasilidade como algo sincrético, como um acorde: “paradoxo da síntese em meio à multiplicidade” (RUFINONI, 2014, p. 250), metáfora proposta pelo próprio Mário, que dominava a linguagem musical (SANTIAGO, 2002, p. 56, carta de 22 de novembro de 1924 *apud* RUFINONI, 2014).

BRASILEIRO SEM QUERER E UM NÃO-BRASILEIRO

Esse aspecto sincrético aparece nas considerações que o escritor desenvolve sobre o tema da delimitação e da abrangência da identidade brasileira. Observemos a blague:

Pelo almoço Tefé, com a casa dos padres. Naquela misturada de raças, pediram que assinássemos o livro das visitas, indicando as nacionalidades. Fulano, peruano; Sicrano, sírio; o dr. Tal, gaúcho; Schaeffer, suíço; Balança [*Margarida Guedes*], paulista; Guarda da Alfândega, amazonense; Mário de Andrade, brasileiro. Dentre os brasileiros de bordo, fui o único brasileiro, sem querer (ANDRADE, 2015, p. 134-135, *grifo nosso*)

²³ Desnecessário se alongar no fato que definitivamente a postura de Mário na viagem passa ao largo do estereótipo do turista que fetichiza, reifica e exotiza (CULLER, 1988 *apud* PERA, 1998) a realidade observada. O autor também se incomoda com a postura dos habitantes locais de repetir e padronizar informações sobre a região, possivelmente atendendo ao turista interessado pelo “típico”: “Toda a gente se vê na obrigação de nos ‘contar’ como é que é, que desespero! Já me mostraram mil vezes a palmeirinha do açaí, já me contaram cem vezes que aquele pássaro é a cigana” (ANDRADE, 2015, p. 85).

²⁴ Analogamente, o autor inúmeras vezes descreve a natureza mesclando sonho e realidade, observação e exercício de escrita poética, traço próximo de sua escrita literária modernista em *Macunaíma*.

Sob o humor, a anedota revela uma densa compreensão acerca da identidade nacional. Em primeiro lugar, mostra que não se trata de algo natural, óbvio e inerente para os indivíduos pertencentes a um país. Em segundo, a identificação de Mário como brasileiro remete, de um lado, ao apreço que o autor tinha pelo tema e, de outro – por ser “sem querer” – ao aspecto inconsciente e psicológico da identidade nacional (ANDERSON, 2008; ANDRADE, 1928, p. 3-4)²⁵, remetendo novamente à experiência individual cotidiana. Em terceiro, evidencia a sobreposição de identidades, visto que muitos dos visitantes optaram por expressar suas identidades regionais em detrimento das nacionais – talvez enfatizando a diferença relacional e não a semelhança entre eles –, o que condiz com a visão da nacionalidade como *acorde*.

Porém, essa concepção marioandradiana da nacionalidade como sincrética não é isenta de ambiguidades e limitações (BOTELHO, 2013; KRAKOWSKA, 2014). Como concretizar o pluralismo por ela almejado frente à desigualdade social e a exclusão étnica? Uma passagem d’*O Turista Aprendiz* explicita esse desafio. Ao dialogar com um indígena Pacaá-Novo que recém comprara uma calça comprida e usava esse tipo de vestimenta pela primeira vez, Mário indagou “Agora que você virou gente, o que você vai ser, Pacanova?” (ANDRADE, 2015, p. 157), expondo a concepção muito difundida – por mais que Mário não acredite piamente nela e a expresse por provocação ou convenção social – de que os indígenas só seriam reconhecidos como iguais uma vez que ocidentalizados. A resposta do ameríndio vai nesse sentido, contando que desejava se tornar telegrafista – símbolo da moderna técnica ocidental – e se casar com uma brasileira e não com uma indígena, pois bastaria ele como “Pacanova cem por cento” (*Ibidem, idem*).

Ora, ao fazer essa distinção, o Pacaá-Novo não vê a si mesmo e os indígenas como brasileiros, sugerindo que o “abrasileiramento” se daria por meio da mestiçagem. Por mais que Mário de Andrade defendesse a mestiçagem biológica – ele próprio, um mestiço – e cultural, tal tipo de amálgama não cabe em sua visão sincrética de nacionalidade, pois se trata de uma miscigenação como forma de diluição de uma etnia em outra, indicando uma hierarquia entre elas e diminuindo a diversidade racial. Esse tipo de síntese biológica é a antítese da nacionalidade cultural sincrética proposta por Andrade, para a qual a riqueza está na heterogeneidade e não na formação do homogêneo. Tal nacionalidade deveria abraçar a diversidade e estimular o reconhecimento dos diferentes entre si como igualmente brasileiros.

²⁵ Outro chiste de Mário também expressa sua oposição à visão da nacionalidade essencialista, baseada na origem biológica: “o alemão do *Vitória* que aderiu a esta viagem (...) fala que índio é ‘mais brasileiro que as caboclas’. Respondi brabo que brasileiro era Líbero Badaró, vovô Taunay pintor, dão João VI, Matarazzo, mais que eu!” (ANDRADE, 2015, p. 157).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: VIAJANTE “ANTIVIAJANTE”, ERUDITO “ANTIERUDITO”

Digno de estranheza é o trecho do prefácio que Mário de Andrade escreveu em 1943 para *O Turista Aprendiz*:

pro antiviajante que sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui. Paciência... (ANDRADE, 2015, p. 49)

Como Mário “antiviajante”? Um intelectual para quem a viagem se constituiu tão central como meio de conhecimento do Brasil? Talvez a resposta esteja menos na timidez e na falta de jeito com as lides práticas – “não fui feito pra viajar, meu destino é viver em casa, entre meus livros, sem lidar com muita gente estranha” (*Ibidem*, p. 150) – do que na aguda autorreflexão que a experiência da viagem lhe proporciona. Como sugere um trecho do mesmo prefácio, “Se gostei e gozei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água” (*Ibidem*, p. 48). Ou, ainda, um trecho do diário:

É fulminante. O rio vira de caminho lá no fim do estirão (...). E eu fico assim como que cheio de companhia, companhia minha, mais perigosa que boa, dolorida de receios que eu sei infundados, mas que são reais, vagos, e por isso mais completos e indiscutíveis, legítimos, deste perigo brutal de viver (de existir) (*Ibidem*, p. 104).

Talvez essa interiorização esteja relacionada com o deslocamento e o contato com a alteridade propiciados pela experiência da viagem, que estimula a reflexão sobre a identidade individual. Pode ser o caso de Mário, para quem a excursão à Amazônia não foi um lazer descompromissado, mas uma forma de aprendizado – aludido no título *O Turista Aprendiz*, que o autor confere ao diário e a si mesmo – das diferenças e do desconhecido. Como sugere uma passagem na qual Mário relata que os viajantes ficaram sozinhos na mata, viajar é se perder:

Nem bem andamos uns dez minutos e decidimos voltar, a confusão se estabelece. Quedê tronco? flor? pra que lado está o rio? Só com a ajuda do sol nos endireitamos para a margem do rio, chegamos ao rio. Onde que está o Vitória [*nome do barco*]? rio acima? rio abaixo?... Obrigado, tapuio. Vida de bordo, paradinhas. Tarde sublime. Noite fresca (*Ibidem*, pp. 167-168).

Se perder, isto é, perder as próprias balizas – espaciais, no trecho, mas também identitárias – e não conseguir se apoiar nas do Outro, pode gerar um encadeamento de inquietações, como nesse episódio. O que é desconcertante para os viajantes é, entretanto, simples para o tapuio, o que se vê na sugerida facilidade com que ele consegue achar o caminho na floresta. A viagem explicita a diversidade, balança o Eu que se propõe universal e autocentrado (PASSETTI, 2004). Assim, o “antiviajante” de Mário não é “menos” viajante, sem dúvida.

No entanto, Andrade também estava preocupado na viagem com outra identidade além da individual, a nacional. Em escritos prévios à viagem – como a carta que manda a Tarsila e Oswald quando estes estão em Paris – e no diário d’*O Turista Aprendiz*, Mário subverte uma série de hierarquias: se interessa pelo interior de um país visto como periférico em vez de se limitar ao cosmopolitismo europeu, valoriza regiões brasileiras menos desenvolvidas economicamente em vez da pujança paulistana e carioca, busca conhecer as culturas populares e não se restringir à arte dita “erudita”. Sua visão da cultura brasileira é plural e sincrética, como um *acorde*, abrangendo uma pluralidade de culturas e a amalgamação não homogeneizadora entre elas. Dessa forma, Kamila Krakowska (2014) chega a aproximar essa concepção marioandradiana da formulação da ideia de comunidade híbrida por parte de autores pós-coloniais, como Homi Bhabha (1994).

Respondendo afirmativamente à pergunta que lançamos, muitas das noções de Mário sobre a nacionalidade e seu engajamento na questão – visto, por exemplo, no *Ensaio sobre a música brasileira* (ANDRADE, 1928), em que aponta algumas diretrizes para a produção de uma arte compromissada com o nacional – parece ter sido alimentado pelas impressões do poeta em sua viagem pelo Amazonas. Especialmente, em virtude da progressiva divergência de projetos estéticos-ideológicos de Mário de Andrade com Oswald de Andrade: o segundo, com seu estilo mais vanguardista e irreverente, menos preocupado com uma investigação rigorosa sobre a cultura brasileira, tão cara ao primeiro (BOTELHO, 2013; MARTINS, 2000).

Em suas observações sobre a Amazônia, Mário dribla estereótipos negativos e idealizações ufanistas. É capaz de se impressionar com a magnitude do rio Amazonas e, mesmo assim, reconhecer a monotonia de seu curso. Por vezes, demonstra mais interesse pelos misteriosos igarapés que pelo monumental rio (BOTELHO, 2013, p. 46). Na entrevista “Manto de arlequim” (1927a), defende que a Amazônia não é nem “paraíso” nem “inferno verde” – rejeitando o título do livro de contos do engenheiro e escritor Alberto Rangel (2001), com prefácio de Euclides da Cunha, sobre a região. Em outra entrevista (1927b), a tônica é a

mesma, desconstruindo a tese raciológica determinista de que devido ao clima, as populações amazônicas tenderiam à preguiça. Dessa forma, Andrade busca se distanciar de uma série de visões depreciativas sobre a Amazônia, bem como de discursos que a interpretavam como incivilizada e desprovida²⁶ dos elementos sociais, culturais, econômicos e científicos modernos e de matriz europeia²⁷.

O que de fato interessa ao poeta é a compreensão do Brasil por meio de sua pluralidade cultural e a viagem pelo Amazonas é um rico exercício para tanto. Como o bom historiador de que fala Marc Bloch, Andrade se comporta para a cultura tal o “ogro da lenda”, que “onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2002, p. 54): música (ANDRADE, 2015, p. 105-107), linguística, artesanato, danças, alimentação... Registros que são fruto não só da apurada observação de Mário, como também do contato do diarista com a população local, que lhe permitiu o acesso a diversos elementos e experiências culturais.

É a agência dos sujeitos locais que permite que Mário ouça a oralidade popular, que lhe ofereçam certo tipo de quitute, que consiga não se perder na mata, como também se vê a agência no índio uitota que decide não lhe fornecer coca. Como recorda Pratt, todo conhecimento em um relato de viagem não advém só dos “poderes de observação do viajante, mas da interação e experiência usualmente dirigida e gerenciada por ‘viajados’ (*travelees*) que agem (...) com sua própria compreensão de mundo e do que são e devem fazer os europeus” (PRATT, *op. cit.*, p. 234, *grifo da autora*), o que também se aplica aos viajantes com maior poder social perante os locais, como os da excursão do diarista.

O autor, aliás, procura se distanciar da postura etnocêntrica e de disciplinamento científico do conhecimento acessado durante a viagem. Seus escritos de diário expõem a mescla entre a observação cuidadosa da cultura e a fruição e reflexão íntimas durante a excursão. *O Turista Aprendiz* também dá a entender a postura subjetivista e sensorialista do escritor pelo Amazonas, que amiúde anota não apenas sobre suas percepções visuais, como também auditivas, olfativas e gustativas. Reforça, pois, a tese de que a viagem deve ser compreendida como experiência multissensorial, não limitada ao “regime olarcêntrico” que historicamente tem dominado a literatura de viagem (TORRÃO FILHO, 2016, p. 330, p. 341).

²⁶ A caracterização de populações e regiões visitadas por meio das ausências que teriam em relação à sociedade e ao local de origem do escritor, tomados como referência, são muito presentes em relatos de viagens. Tal perspectiva foi analisada por Hartog (1991).

²⁷ Nas primeiras décadas do século XX, a Amazônia foi objeto de projetos médico-sanitaristas para o combate a patologias tropicais, como a viagem de comissão do Instituto Oswaldo Cruz entre 1912 e 1913, liderada por Carlos Chagas, para avaliação sanitária dos principais centros de produção de borracha (TRINDADE LIMA; BOTELHO, 2013, p. 746).

Ademais, a recusa do objetivismo n' *O Turista Aprendiz* passa por duas características centrais da obra marioandradiana: o humor refinado e a rejeição, seja na prosa, na poesia ou na não-ficção, da erudição pela erudição, isolada. Rechaçando a torre de marfim, Mário de Andrade foi um intelectual que valorizou a aproximação entre o saber acadêmico e a experiência popular. Nota-se isso na seguinte alfinetada que desfere contra um colega modernista no diário de bordo:

Foi decerto a ida pras nossas terras internacionais do Centro, São Paulo, Rio, trabalhos, lutas artísticas, que me botou pensando em Graça Aranha. Saiu esta quadra:

Sei dum escritor que é guia
Da poesia guarani;
Nós vivemos lhe dizendo:
– O caminho é por aqui.

Especialmente no Rio, são numerosos os modernistas brasileiros que têm a erudição do modernismo. Porém a gente pode bem ter a erudição dum coisa sem que ela se torne pra nós um objeto de conhecimento... (ANDRADE, 2015, p. 195, *grifo nosso*)

Mário, um erudito que soube que para conhecer os Brasis é preciso ir além dos livros. É preciso comer, mastigar e saborear amendoim... e filé de tartaruga.

FONTES

MANTO de Arlequim [Entrevista com Mário de Andrade]. In: “Crônica Social” do **Diário da Noite**; São Paulo, 20 de agosto, 1927a (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP) apud ANDRADE, 2015, p. 409-411

UMA EXCURSÃO ao rio Amazonas” [Entrevista com Mário de Andrade]. In: **Diário Nacional**; São Paulo, 20 de agosto, 1927b (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP) apud ANDRADE, 2015, p. 406-409

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre Musica Brasileira**. São Paulo: Editores I. Chiarato & Cia, 1928

_____. “Gramatiquinha Brasileira”. In: **Polêmica**: revista semestral de crítica e criação. São Paulo: Editora Cortez e Moraes, nº 3, 1981, p. 45-49.

_____. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (estabelecimento do texto). Rio de Janeiro: Agir, 2008

_____. “Clã do Jabuti”. In: _____. **Poesias completas**. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (ed.). Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013

_____. **O Turista Aprendiz**. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (ed.). Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos. Brasília: IPHAN, 2015

_____. “A gramatiquinha da fala brasileira”. Série Manuscritos Mário de Andrade, IEBUSP.

MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2000

RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas**. 5 ed. (1ª ed. de 1907). Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001

SANTIAGO, Silviano. (Org.) **Carlos & Mário**. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

BARRETO, Merivânia Rocha. “**Makunaima/Macunaíma, Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções**”. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2014

BHABHA, Homi. **The location of culture**. Londres/Nova York: Routledge, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BORN, Jan. “Defining travel: on travel book, travel writing and terminology”. In: HOOPER, Gleen; YOUNGS, Tim. **Perspectives on travel writing**. Harts/Vermont: Ashgate, 2004

BOTELHO, André. “A viagem de Mário de Andrade à Amazônia entre raízes e rotas”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013.

COLOMBI, Beatriz. **Viaje intelectual: migraciones y desplazamientos en América Latina, 1880-1915**. Rosário: Beatriz Viterbo, 2004

CULLER, Jonathan. “The Semiotics of Tourism”. In: _____. **Framing the Sign: Criticism and Its Institutions**. Oklahoma Project for Discourse and Theory. Oxford/Norman: University of Oklahoma Press, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999

KRAKOWSKA, Kamila. “O Turista Aprendiz e o Outro: a(s) identidades brasileiras”. P: **PORTUGUESE CULTURAL STUDIES**, nº4, Outono de 2012, pp. 66-85

LOPEZ, Telê Ancona. “A Bordo do Diário”. In: ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002

_____. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (ed.). “Por esse mundo de páginas”; “Dossiê.” In: ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (ed.). Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos. Brasília: IPHAN, 2015

LIRA, José Tavares Correia de. “O estranho patrimonial: Mário de Andrade e o (des)Brasil”. In: ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. LOPEZ, Telê Ancona; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (ed.). Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos. Brasília: IPHAN, 2015

MARTINS, Rubens de Oliveira. “Belle Époque literária e modernismo: Oswald de Andrade, intelectual entre dois mundos”. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 240-270, Dec. 2000. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922000000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 8 Jan. 2017.

MORAES, Eduardo Jardim de. “Modernismo Revisitado”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238

PASSETTI, Dorothea. “Tristes Trópicos: os anos brasileiros de Lévi-Strauss”. In: BERNARDO, Terezinha & TÓTORA, Silvana. **Ciências Sociais na atualidade – Brasil: resistência e invenção**. São Paulo: Ed. Paulus, 2004

PERA, Cristobal. “De viajeros y turistas: reflexiones sobre el turismo en la literatura hispanoamericana”. **Revista Iberoamericana**. Vol. LXIV, Nuims. 184-185, Julio-Diciembre 1998; 507-528

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999

MULLER, Helena Isabel. “Devaneios amazônicos de Mário de Andrade”. In: GRUNER, Clóvis; NIPOTI, Cláudio de (orgs.). **Nas tramas da ficção**. Cotia: Ateliê editorial, 2009

RUFINONI, Simone Rossinetti. “Mário e Drummond: nacionalismo, alteridade, arte”. **Estudos Avançados**, v.28. n.(80)., 2014, pp. 247-265

SÁ-CARNEIRO, Mário de. “7”. In: **Orpheu**. Edição fac-similada dos três volumes. 2ª edição. Lisboa: Contexto, 1994, v. 1, p. 14

SANTOS, Marcelo Burgos P. dos “O Turista Aprendiz: breves notas e observações sobre a viagem de formação de Mário de Andrade”. **Aurora Revista de Arte, Mídia e Política**, ed. 6, outubro de 2009. Disponível em:

http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed6_v_outubro_2009/artigos/ed6/6_4_Marcelo_Burgos.htm. Acesso em 30-12-2016.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

_____. “O front brasileiro na Guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura”. **Revista USP**, São Paulo (30): 108-119, junho/agosto 1996

_____. **Literatura como Missão**: Tensões culturais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

TORRÃO FILHO, Amílcar. “**DOES EVERY TRAVELLER SEE ALL THAT HE DESCRIBES?**” O VIAJANTE CEGO JAMES HOLMAN E OS LIMITES DO OLHAR VIAJANTE In: *Revista de História* (São Paulo), n. 175, p. 319-348, jul.dez., 2016 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2016.115230>. Acesso em 30-12-2016.

TRINDADE LIMA, Nísia; BOTELHO, André. “Malária como doença e perspectiva cultural nas viagens de Carlos Chagas e Mário de Andrade à Amazônia”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.23, jul.-set. 2013, pp. 745- 763.3